



GT 37. Estudos em contextos do Sul Global: novos inimigos, novas possibilidades e a (in)sustentabilidade das perspectivas e das redes Sul-Sul

Coordenador(es):

Lívio Sansone (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Luena Nascimento Nunes Pereira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O campo dos estudos em outras regiões do Sul Global já faz aproximadamente 20 anos no Brasil. O momento é, pois, maduro para uma avaliação deste campo de pesquisa, que tem atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários e gerado um acúmulo de reflexões sobre as várias regiões do Sul Global (África, Ásia, Caribe, América Central e Meridional), desenvolvendo novas perspectivas comparativas e transnacionais e contribuindo para a internacionalização da pós-graduação em ciências humanas. Apesar da abertura de novas oportunidades de pesquisa e redes enfrentamos novos obstáculos proporcionados pela atual era dos extremos, que identifica a perspectiva Sul-Sul com um conjunto de políticas sociais progressistas. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT tem por objetivo reunir trabalhos desenvolvidos nos contextos acima mencionados promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas antropológicas. Apesar da ênfase na pesquisa etnográfica, o GT está aberto à interdisciplinaridade, pela importância do diálogo com historiadores e outros pesquisadores nas ciências humanas. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas que respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e estes contextos.

Dos ?aguadeiros? aos ?mairuwa?: os ?donos da água? em Salvador (BR) e Lagos (NG). A transmissão transatlântica das ?visões? de negócio e da técnica hidráulica.

Autoria: Diana Margarida dos Santos Catarino (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

As articulações para o acesso à água potável são envoltas em enredos que relacionam escassez e indispensabilidade. O seu manejo em Salvador (BR) e Lagos (NG) no séx. XIX foi atravessado pela transferência da visão técnica, econômica e comercial. Em Salvador a venda d'água de poços particulares foi amplamente adotada e configurará o modelo de negócio da Companhia do Queimado (1853-1905). Os ?aguadeiros? concorriam ao serviço através do work de ganho, encontrando no transporte do líquido dos pontos de venda para o domicílio um recurso para a sobrevivência. Contemporaneamente retornava para Lagos um ex ?escravo aristocrático? que aprendeu com o seu ?proprietário? a ?fazer negócio?. Seu filho, Candido da Rocha, repete a estratégia de monopólio da Companhia Baiana construindo um Império através da exploração do abastecimento d'água potável para a Ilha de Lagos que acontecia através da sua captação do rio Ogun sendo cobrada a travessia do canal. Ao instalar no poço existente no seu sobrado um mecanismo de ferro importado, ampliou a quantidade disponível para venda. Ao represar e canalizar a água do rio Iju, com o conhecimento da técnica e a perspicácia desenvolvida no outro lado do Atlântico, desenvolveu o serviço de distribuição com a anuência da administração colonial. Em 1914 quando a administração o nomeou responsável pela ?Lagos Water Corporation? Da Rocha já era descrito como o homem mais rico da Nigéria. Apesar da Companhia do Queimado ter auferido reconhecimento por parte do IPHAN, em 1989, os parâmetros da sua atuação foram recentemente estudados. O conhecimento destes novos dados possibilitam a formulação de novas relações causa/efeito e transferência que, em África, encontram novos materiais de



work, nas memórias de familiares de ?Da Rocha?, da literatura romanceada de Antônio Olinto (2009) trazendo para a formulação da hipótese de pesquisa novas dificuldades metodológicas. Ao estudo de conectividades entre os dois continentes convive o factual, o romance, o mito. Lagos é conhecida pela cidade da ?autoinfraestrutura? uma vez que apenas 10% da população tem acesso à água fornecida pela estatal . Aí os aguadeiros foram denominados no idioma hauça como ?mairuwa? que significa ?os donos da água? que acentua a dependência do abastecimento acessível apenas àqueles que podem pagar pelo serviço. Salvador mantém o apartamento da água no espaço público, mantendo as suas fontes em situação de degradação e a desigualdade na distribuição territorial demonstra como historicamente o cerceamento do acesso à água decorrem altos rendimentos privados que acentuam a desigualdade social ressaltando a necessidade de repensar a perspectiva da sua distribuição num momento em que o crescimento da comercialização da água já supera o de refrigerantes.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: